

O Globo  
30-4-64

Ai de ti

Sexta-feira, 16 de Março de 1956

RUBEM BRAGA

PRESENÇA

UM telefonema apenas cordial, a que atendo com naturalidade — mas porque, depois, esse indefinível tremor íntimo, essa remota noção de que representei uma cena sob o efeito do hipnotismo, esse indizível susto? Sou um homem tranquilo, e minha vida está tranquila; ouço essa voz, esse nome, e pronto! — começo a agir como se eu trabalhasse em um filme a que eu mesmo estivesse assistindo. Represento meu papel de maneira normal e faço o papel de um homem normal; mas há um outro e invisível que é aqualouco, patinador sobre arco-iris, menino tonto, Hamlet, palerma, patético. Enquanto eu digo uma coisa sensata esse meu fantasma se entrega a um silencioso desvario, ou recita versos, voa como um anjo, soluça. Posso contemplá-lo com frieza, criticá-lo, ter pena d'êlé; posso evitar que êle influa no mais mínimo em minha conduta real; quando êle tem um impulso de falar ao telefone eu me ponho tranquilamente a descascar uma laranja, e sem minhas mãos, sem meu corpo, êle não pode fazer nada. Ignoro-o, ou êle desaparece, ou eu o esqueço, meses e meses; mas quando surge a Presença êle renasce, menino mendigo, tão feliz e tão infeliz dentro de um segundo que sua dôr e seu prazer se confundem na mesma palpitagão. De repente a luz é sobrenatural, os sons são irrealis, o mundo é sonâmbulo.

Não estou apaixonado; meu comércio sentimental com as outras criaturas corre normal, com suas alegrias e tristezas. Não estou apaixonado, mas posso ver a face da Paixão. E por um instante fico parado, quieto, como quem ouvisse, no fundo da noite, o sussurro das estrélas, e o reconhecesse.